

Opinião



Nuno Rocha e Porfírio
Arquitecto
www.a1v2.pt

“Un pour tous, tous pour un...”

A arquitetura nacional, entendida como o conjunto de projectos e obras desenvolvidas por projetistas portugueses, tem demonstrado uma comprovada qualidade. Este é um facto incontestável, confirmado aliás pela quantidade muito significativa de nomeações e prémios que tem recebido nas últimas décadas. Formaram-se excelentes técnicos que com dedicação, trabalho e criatividade foram construindo carreira e consolidando uma imagem de bons profissionais. Durante muito tempo, a quase totalidade dos ateliers de arquitetura em Portugal eram pequenas empresas familiares: casais ou antigos colegas de faculdade que, de forma audaz, embora por vezes com algum amadorismo na gestão do negócio, se “lançavam às feras”. Esta fórmula de gestão, por vezes alicerçada em incontáveis e rotativos estagiários, foi funcionando em tempo de “vacas gordas”. Mas quando a terrível conjuntura actual atingiu o nosso sector, muitas destas empresas não aguentaram a pressão e implodiram.

Os ateliers que conseguiram, de alguma forma, sobreviver à hecatombe, muito à custa de incursões no mercado internacional e com expressivas melhorias na gestão humana e empresarial, têm atingindo metas muito interessantes. A A1V2, bem como outros, é um caso de sucesso neste cenário. Mas esta reflexão revela-me uma pergunta: como se vêem os ateliers portugueses de Arquitetura que se internacionalizaram, em relação aos seus pares que também “andam na luta além-fronteiras”? Eu acho que se vêem mal...

Esta minha opinião poderá parecer um pouco crua, áspera até, mas sinto-a como muito verdadeira. São raras as boas parcerias ou consórcios de ateliers portugueses no estrangeiro. Até podemos ter um portfolio nacional rico, com numerosos projetos desenvolvidos e obras executadas mas, a nossa escala no estrangeiro é pequeníssima, marginal. Concorremos, partindo quase sempre em desvantagem, contra empresas multinacionais, com um porte empresarial consistente e metódico, detentoras de enormes budgets para se fixarem nos locais de maior potencial, com enormes equipas e que têm nos seus quadros centenas de projetistas (inclusive alguns portugueses).

Olhamos para os nossos pares nacionais com desconfiança, desdém e dúvida: a postura do “cheguei cá primeiro, trilhei o caminho das pedras sozinho e quero olhar só para o meu umbigo” é a menos proveitosa. Se tu dominas a linguagem dos espaços comerciais e eu domino a linguagem dos equipamentos aeroportuários, porque não unimos esforços num novo desafio? Se tu dominas a linguagem de equipamentos culturais e eu domino a linguagem das infraestruturas de mobilidade e acessibilidade, porque não navegamos no mesmo barco, remando para a mesma direcção? Porque não? Talvez pudéssemos orientar-nos mais pela máxima de Alexandre Dumas: “Un pour tous, tous pour un...”. Talvez dê certo...

Quando comecei a minha formação académica superior, “venderam-me” a ideia que seria difficilíssimo trabalhar com engenheiros: deveria preparar-me para as piadas irónicas e “sem sal”, para as grandes discussões em torno dos projetos de especialidades e para posturas intransigentes. Na minha carreira, por vezes já senti isso, mas não foi dos colegas engenheiros...